



# A BRUXA

UMA REVISTA DE BIOLOGIA CULTURAL

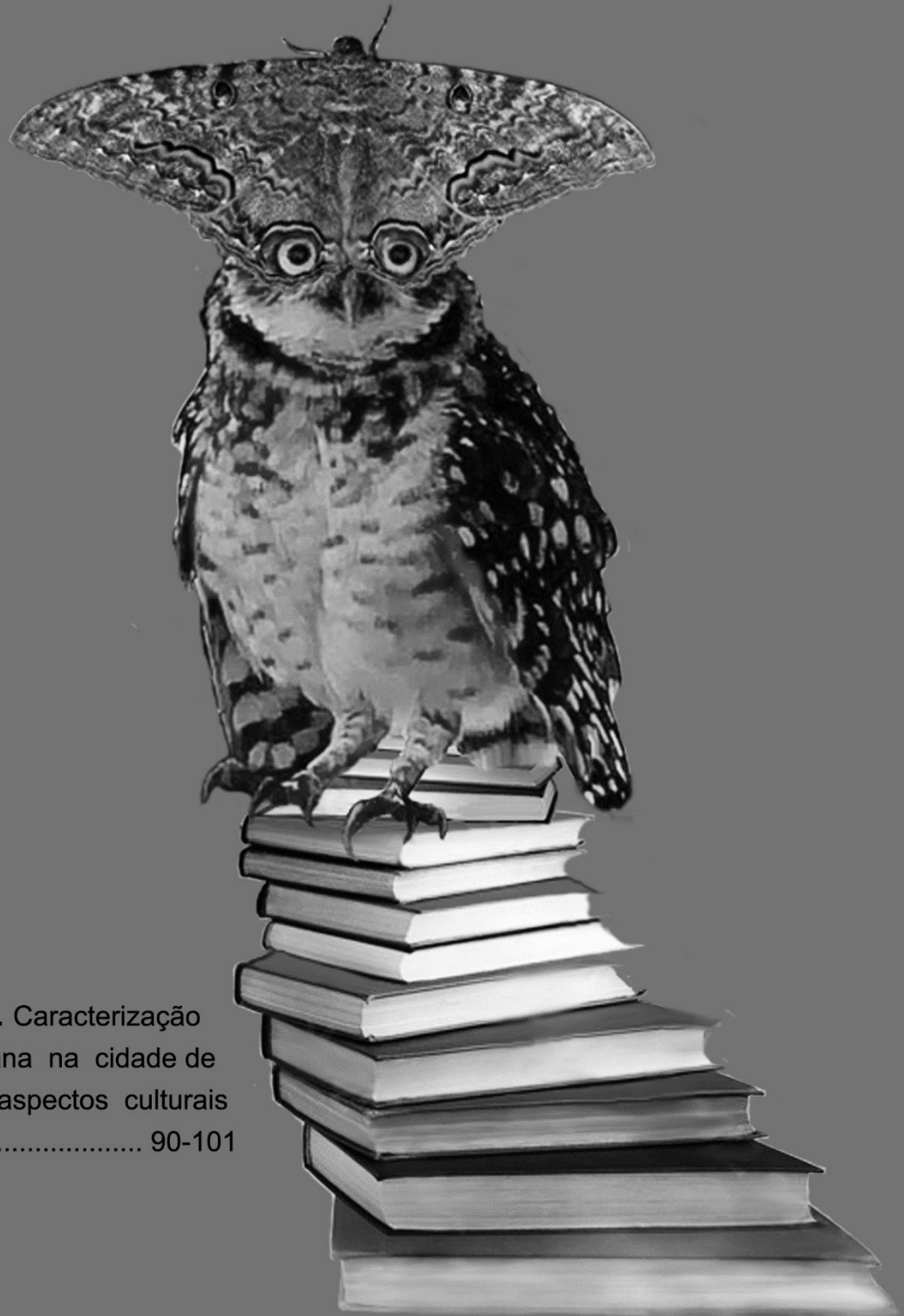
www.revistaabruxa.com

ISSN 2594-8245

Volume 7

agosto 2023

Número 7



**Silva, I.K.B. & Aranda, R.** Caracterização de conflitos com fauna urbana na cidade de Rondonópolis, Mato Grosso: aspectos culturais e sociais dessa relação. .... 90-101

Composição com modificação das fotos de:  
José Roberto Pujol Luz (coruja)  
Diogo Luiz (mariposa)



## Caracterização de conflitos com fauna urbana na cidade de Rondonópolis, Mato Grosso: aspectos culturais e sociais dessa relação

Indianara Karoline Barboza Silva & Rodrigo Aranda\*

Laboratório de Ecologia de Comunidade de Insetos, Instituto de Ciências Exatas e Naturais,  
Universidade Federal de Rondonópolis, Rondonópolis, MT, Brasil

\*rodrigo.aranda@ufr.edu.br

### Resumo

Com o processo de urbanização, a biodiversidade vem sendo ameaçada, devido à migração dos animais para o meio urbano. Com isso, é importante caracterizar a percepção humana quando em contato com esses animais e os possíveis motivos que causam repúdio. O trabalho teve como objetivo caracterizar os conflitos com a fauna urbana na cidade de Rondonópolis-MT, identificando quais animais mais sofrem com a falta de conhecimento. As informações foram coletadas com o auxílio de um questionário sobre os animais comuns no meio urbano. Foram entrevistados 106 populares, de diferentes aspectos sociais. Desses, 95% alegaram que ao menos um dos animais indicados aparece em suas residências; e 67% das pessoas afirmaram não matar animais em suas residências. Apesar da lagartixa ser o animal mais frequentemente mencionado, o sapo é o que é mais morto, devido a ele estar associado ao “mal”. A cobra não foi apontada como um animal corriqueiro, porém foi citada como um animal que as pessoas certamente matariam. É importante conhecer e caracterizar a percepção da sociedade em relação a esses animais. Assim, pretende-se elaborar possíveis soluções e práticas de educação ambiental para minimizar a taxa de mortalidade desses animais inofensivos e com importantes funções ecológicas.

**Palavras-chave:** coexistência; conservação; urbanização.

### Abstract

#### Characterization of conflicts with urban fauna in the city of Rondonópolis, Mato Grosso: Cultural and social aspects of this relationship

With the process of urbanization, biodiversity has been threatened due to the migration of animals to urban areas. Therefore, it is important to characterize human perception when in contact with these animals and identify possible reasons for repulsion. The objective of this study was to characterize conflicts with urban wildlife in the city of Rondonópolis-MT, identifying which animals suffer the most due to lack of knowledge. Information was collected through a questionnaire about common animals in urban environments. 106 individuals from different social backgrounds were interviewed. 95% claimed that at least one of the indicated animals appeared in their households. 67% of the people stated that they do not kill animals in their homes. Although "geckos" were the most frequently mentioned animals, "frogs" were the ones most commonly killed due to their association with bad luck. "snakes" were not identified as common animals, but they were considered the ones people would certainly kill. It is important to understand and characterize society's perception of these animals in order to develop possible solutions and environmental education practices to minimize the mortality rate of these harmless animals with important ecological functions.

**Keywords:** coexistence; conservation; urbanization.



## Introdução

O processo de urbanização e crescimento econômico, através da exploração de recursos naturais, tem gerado prejuízos à biodiversidade (BROOKS *et al.*, 2002), contribuindo para a fragmentação de habitats, devido à diminuição das florestas nativas, fazendo com que a fauna silvestre migre para as cidades a procura de abrigo, alimentos e condições propícias à procriação (BAKER & HARRIS, 2007). A área urbana apresenta fauna riquíssima e é importante para muitas espécies nativas, sendo considerada um ecossistema completo (PIEDADE, 2013). Isso mantém o contato entre a população humana e animais silvestres, cada vez mais comum (CORRÊA & PASSOS, 2001). Os conflitos entre a fauna urbana e os seres humanos têm se tornado uma questão de progressiva relevância em todo o mundo. À medida que as áreas urbanas se expandem e invadem os habitats naturais, os animais são forçados a se adaptarem a um ambiente urbano, enquanto os seres humanos enfrentam desafios decorrentes dessa convivência (BAKER & HARRIS, 2007; BATEMAN & FLEMING, 2012). Esses conflitos podem ter implicações significativas para a conservação da biodiversidade e o bem-estar humano (ADAMS, 2005).

A interação entre seres humanos e outros animais iniciou-se nos primórdios da história da humanidade (FARACO, 2008), sendo observada em pinturas rupestres, as quais apresentam uma grande variedade animal. O progresso da humanidade e os próprios acontecimentos históricos que têm marcado o destino dos povos, têm frequentemente implicado numa determinante presença do mundo animal (MENEGALDO, 2011). Os conflitos entre a fauna urbana e os seres humanos podem ser observados em diversas formas, como a invasão de áreas residenciais por animais selvagens, a predação de animais domésticos, a transmissão de doenças zoonóticas e o dano à infraestrutura urbana (BATEMAN & FLEMING, 2012). Além disso, fatores socioeconômicos, como o crescimento populacional, o desenvolvimento urbano desordenado e a falta de planejamento adequado, também contribuem para a intensificação desses conflitos (BAKER & HARRIS, 2007).

As consequências desses conflitos podem ser significativas tanto para os animais quanto para os seres humanos. Os animais podem sofrer estresse, lesões e até mesmo a morte como resultado de confrontos com humanos ou devido a medidas de controle implementadas. Por outro lado, os seres humanos podem enfrentar riscos à saúde, prejuízos econômicos e impactos psicológicos decorrentes desses conflitos (ADAMS, 2005). Além disso, a conservação da biodiversidade também é afetada, uma vez que muitos animais urbanos estão em risco de extinção e possuem papéis ecológicos importantes nos ecossistemas (BAKER & HARRIS, 2007).

A etnobiologia é uma ciência que tem por objetivo investigar o conceito e a percepção que as pessoas têm sobre os seres vivos presentes na natureza, assim como averiguar comportamentos e relações entre populações humanas e os demais organismos (ROSA & OREY, 2014). Cada indivíduo tem sua interpretação de espaço, de acordo com a realidade em que vive e o processo do perceber o ambiente, onde os estímulos sensoriais poderão despertar significados (*e.g.*, medo ou nojo) dependendo de cada pessoa. Ou seja, os significados poderão ser distintos devido a diversos fatores que a cercam, tais como grau de escolaridade, cultura, religião, gênero, faixa etária, entre outros (OLIVEIRA & CORONA, 2011; BARBOSA 2020). Outro fator determinante para as diversas interações homem-animal é o misticismo que muitos grupos zoológicos representam (MENEGALDO, 2011), como por exemplo, sapos e morcegos, que geralmente são associados aos seres ditos maléficos, como bruxas e demônios. LIMA & POZZOBON (2005) defendem que alguns aspectos culturais ecológicos podem ser herdados de uma geração para outra.

Conhecer as percepções das pessoas e a vivência dessas resulta em compreensão sobre a relação homem-animal, visando entender a conduta humana, expectativas e julgamentos (DEL RIO, 1996). Dessa forma, procura-se identificar os pontos negativos e positivos dessa relação, adequando ações ambientais a cada grupo, de acordo com as suas necessidades. Nessa perspectiva, é importante ressaltar que a falta



de conhecimento que uma sociedade específica apresenta sobre determinadas espécies de seres vivos pode impulsionar seu extermínio indiscriminado (POUGH *et al.*, 2008).

A aversão que muitos animais causam à população está intimamente ligada ao desconhecimento das espécies. Além disso, os mitos e as crenças populares desempenham um papel significativo na formação de uma imagem negativa. No entanto, compreender as razões por trás do extermínio dessas espécies é fundamental para implementar ações de educação ambiental que combinem conhecimento científico com crenças populares. Dessa forma, busca-se estabelecer uma relação harmoniosa entre o ser humano e a natureza. Diante desses desafios, várias estratégias de manejo e coexistência têm sido propostas. Entender o que motiva o extermínio dessas espécies resulta na implementação de ações de educação ambiental, empregando o saber científico dentro das crenças populares, fazendo com que a relação entre o homem e a natureza seja harmoniosa. Essas estratégias envolvem, além de ações como educação ambiental, controle populacional de animais, planejamento urbano sustentável, proteção e recuperação de habitats naturais, implementação de corredores ecológicos e criação de áreas verdes urbanas (ADAMS, 2005). No entanto, a eficácia dessas abordagens pode variar dependendo do contexto local, das espécies envolvidas e das preferências e valores da comunidade.

O objetivo do presente trabalho foi realizar um levantamento das razões que motivam as pessoas a quererem exterminar esses animais, levando em conta algumas questões, como idade e classe social, para estabelecer quais fatores podem influenciar na percepção da fauna urbana. Propomos (i) identificar quais os principais animais frequentes em residências urbanas; (ii) quais os mais frequentemente mortos; (iii) o principal fator do hábito das pessoas repudiarem animais nativos a ponto de matá-los e (iv) se dados sociais refletem o comportamento das pessoas frente a respostas obtidas.

## Material e métodos

Para a realização deste trabalho, inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica, para a elaboração e escolha de um questionário com perguntas rápidas e objetivas, com uma linguagem acessível a todos, a fim de identificar os principais animais encontrados, quais são mortos, os motivos e algumas reações frente ao encontro de determinadas espécies. Os animais descritos no questionário foram escolhidos de acordo com sua “periculosidade” para os humanos, conforme o livro A VIDA DOS VERTEBRADOS (POUGH *et al.*, 2008), e por serem bichos frequentemente encontrados em residências e os mesmos não causarem praticamente dano algum para a sociedade.

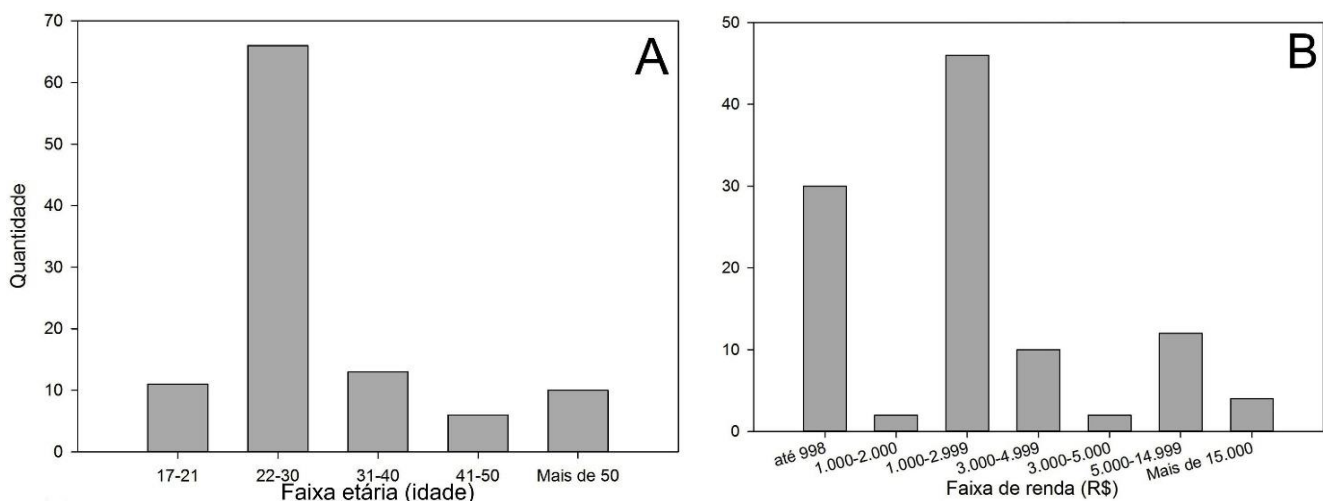
Além disso, o perfil sociocultural foi estabelecido em função da renda salarial e grau de instrução. O questionário da pesquisa (Apêndice 1) foi aplicado na cidade de Rondonópolis, estado de Mato Grosso, por meio de entrevista direta (entrega do formulário impresso), mídias sociais (FACEBOOK, INSTAGRAM e WHATSAPP) e através de e-mail, entre os meses de outubro e novembro de 2019, em diferentes áreas da cidade, levando em conta a classe social, profissão (ocupação) e idade dos indivíduos. Todos os entrevistados aceitaram participar da pesquisa de forma voluntária, uma vez que os dados pessoais estão no anonimato, não tendo identificação dos participantes. Através da aplicação do formulário, as respostas foram tabuladas e computadas as frequências de cada uma das classes de respostas. No questionário, abordamos cobra e cobra-cega em questões distintas para verificar o nível de conhecimento dos entrevistados sobre a periculosidade dos dois animais. Também disponibilizamos, em questões específicas, a alternativa “outros” para que pudessem ser indicados animais de livre escolha do entrevistado, caso impelido a isso.



## Resultados e discussão

### População amostral

Foram entrevistados 106 indivíduos de diferentes faixas etárias e rendas familiares. A maioria dos entrevistados possuía idade entre 22 e 30 anos (Figura 1A). A faixa de renda com maior frequência de resposta foi entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.999,00, com 46 respostas (43%), seguida de até R\$ 998,00, com 30 respostas (28%) (Figura 1B). Foram apresentadas 36 ocupações, sendo estudante a mais frequente, com 31 respostas (29%), seguida de dona de casa, com 12 respostas (11%). Das ocupações, 34 obtiveram menos de 10 registros, sendo 19 delas com apenas um registro. Isso indica que a amostra foi bem diversificada em relação às ocupações e aos diversos níveis de formação. Entre as 14 ocupações que receberam mais do que uma resposta, existem aquelas com ligação direta ou indireta com as áreas das ciências, como professores (n=7) e educadores (n=2), engenheiro químico (n=2) e estudantes (n=31), principalmente de cursos de graduação.



**Figura 1.** Resultado dos questionários em relação à: **A-** faixa etária (idade) e **B-** renda (em reais, R\$). Entrevistas realizadas no município de Rondonópolis, MT.

### Conflitos com a fauna

A maioria absoluta (n=101; 95,5%) dos questionários revela a presença dos animais indicados, tanto os que foram apresentados de forma direta ou os citados no item “outros”. Em cinco deles, foi respondido que esses animais não apresentam o hábito de aparecer em suas residências. Entre as respostas, 80 (75%) indicam que a lagartixa é o animal mais corriqueiro nas residências do município de Rondonópolis. Em segundo lugar encontra-se o sapo e em terceiro, o morcego (Figura 2A). Dentre os indivíduos entrevistados, 32 (30%) possuem o hábito de matar animais que possam aparecer em suas casas, 74 não matam. O sapo foi apontado como o mais sacrificado, subseqüente à cobra e à barata (Tabela 1). A barata não foi apontada no questionário, mas foi citada pelos entrevistados na opção “outros” (Figura 2B), bem como aranha também foi indicada. No total de 106 respostas, 28 indivíduos não possuem costume de matar qualquer animal (Figura 2C).

Observamos que, independentemente da faixa etária e da renda (Tabela 1), animais como cobra e morcego apresentam maiores chances de serem mortos pela população. Da mesma forma, lagartixa é indicada como sendo o animal mais frequente em todas as residências (Tabela 2). Os aspectos relacionados com os motivos e consequências dessas interações serão discutidos logo abaixo na descrição de cada um dos grupos animais.



**Tabela 1.** Quantidade de respostas em que os respondentes afirmaram que matariam os animais, em relação à faixa etária e de renda, no município de Rondonópolis, MT.

	Cobra	Morcego	Sapo	Barata
<b>Faixa etária</b>				
17-21	2		3	
22-30	39	1	3	5
31-40	10			
41-50	5	1		
50+	7	2		
<b>Renda (R\$)</b>				
Até 998	17			
1.000-2.000	2			
1.000-2.999	26	2	5	5
3.000-4.999	6			
3.000-5.000	2			
5.000-14.999	8	1	1	
Mais de 15.000	2	1		

### Cobras e cobras-cegas

A cobra foi citada por pessoas com idade maior que 50 anos e com a renda mensal superior a R\$15.000,00, grupo composto por fazendeiros, com encontros na área rural, mas que residem na cidade, o que explicaria essa relação (Tabela 2). Esse animal foi apontado como o que as pessoas certamente matariam (Tabela 1), devido a acreditarem que todas as cobras são “venenosas”. Desde civilizações arcaicas observamos o amor e ódio pelas serpentes, muitas vezes originando lendas sobre esses animais (LEMA, 2002). Elas sofrem com mistificação associada à negatividade, principalmente por serem citadas como o ser que ludibria Eva (“primeira mulher feita por Deus”) em uma passagem da Bíblia, no livro de Gênesis. Talvez esse seja um dos principais motivos para a aversão aos ofídios (FERNANDES-FERREIRA *et al.*, 2011).

Para grande parte dos brasileiros, as cobras são conhecidas apenas por sua suposta periculosidade, sendo ignoradas suas ações tróficas com outros animais (FEITOSA & ABÍLIO, 2012), como o fato de ser responsável pela predação de animais vetores de doenças, caso dos roedores (MATEUS *et al.*, 2011). Além disso, também servem de alimento para outros animais, como aves, mamífero e mesmo outras serpentes (FRAGA *et al.*, 2013).

Muitas pessoas acabam por confundir as cobras-cegas e as cecílias com serpentes comuns. São chamados de “cobra-cegas” dois grupos de animais distintos, mas com características semelhantes: as cecílias pertencem à ordem de anfíbios Gymnophiona e as cobras-de-duas-cabeças são répteis da ordem Squamata. Essa última possui morfologia associada ao hábito de vida subterrâneo, ou seja, são animais que usam seu corpo para escavar, por isso possuem uma cabeça rombuda, um corpo cilíndrico com escamas e uma série de músculos que auxiliam a locomoção dentro dos túneis (POUGH *et al.*, 2008). Os indivíduos da ordem Gymnophiona se parecem com cobras sem escamas ou grandes minhocas, têm como característica olhos pequenos, rudimentares, envoltos sob uma camada de pele ou mesmo ossos e pele (costa). Apesar de serem animais semelhantes às cobras, não apresentam perigo aos seres humanos (NAVEGA-GONÇALVES, 2004), ainda que algumas espécies possuam peçonha, que é produzida em glândulas similares às das serpentes (MAILHO-FONTANA *et al.*, 2020).

Dos 106 entrevistados, 55 responderam que matariam uma cobra-cega (51%) e 51 pessoas (49%) responderam que não. Como já indicado anteriormente, a falta de conhecimento sobre esse bicho não se tratar de uma cobra verdadeira acaba ocasionando tal elevado índice de morte. A maior motivação



para quererem a morte desses animais é o medo, com 30 votos. A opção relativa ao fato delas serem venenosas recebeu 23 votos. Dois votos foram dados com base na crença popular de que tais animais têm duas cabeças (Figura 2E). Tudo isso demonstra o fato de as pessoas não terem conhecimento sobre a biologia do grupo.

Apesar da grande diversidade da herpetofauna, muitos não compreendem sua importância, e, devido a crenças populares e histórias, acabam tendo uma concepção equivocada sobre esses animais, resultando em maus tratos e morte dos mesmos. Anfíbios e répteis são animais de extrema importância ecológica para o planeta, por serem reguladores do crescimento populacional de diversos outros grupos de seres vertebrados e de invertebrados, mantendo, dessa forma, o equilíbrio ecológico (DIAS *et al.*, 2018).

## Sapos

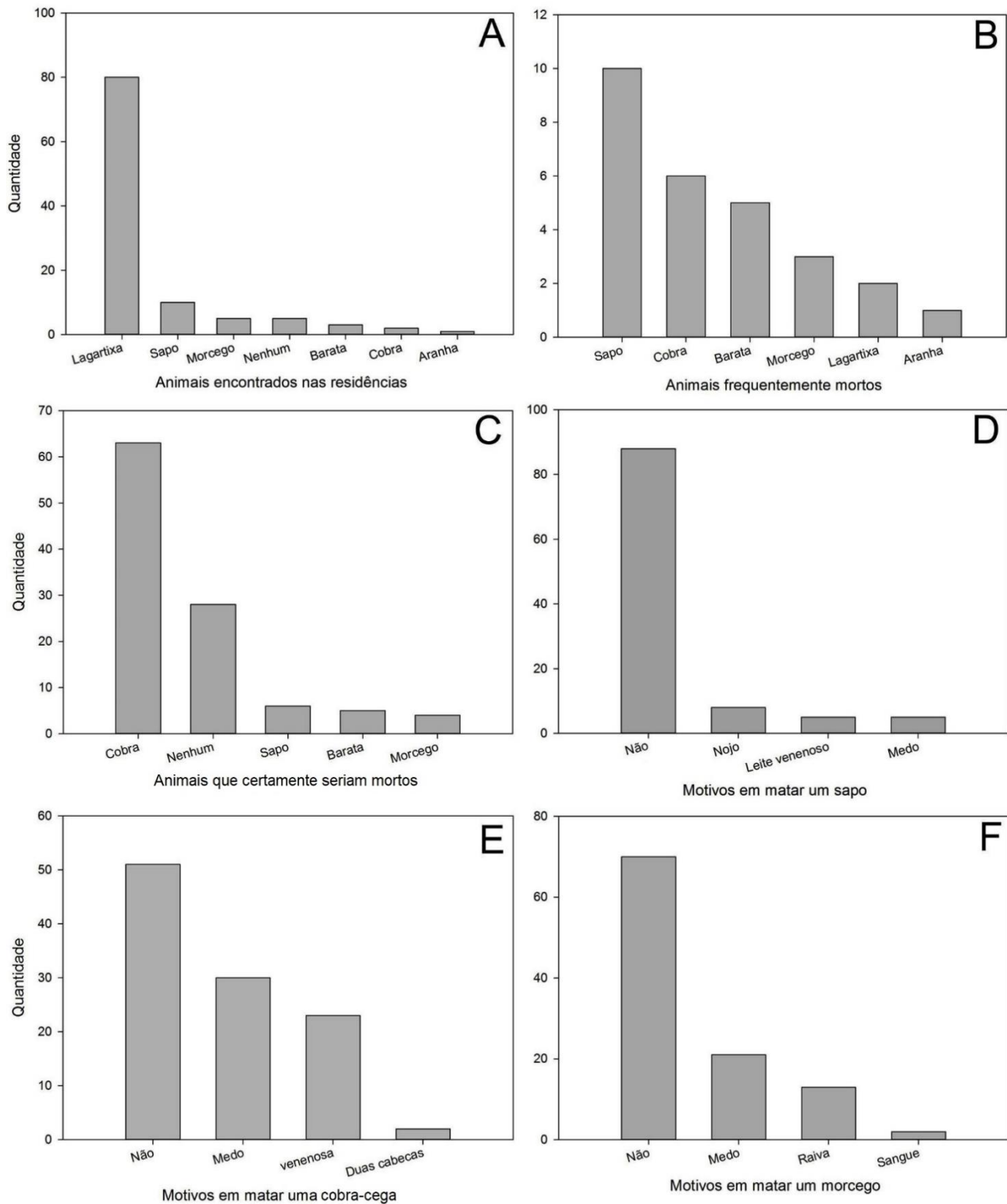
O segundo animal mais citado como corriqueiro foi o sapo, que é comumente encontrado em residências com renda entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.999,00, e faixa etária de 22 a 30 anos, porém foi citado ao menos uma vez nas outras faixas etárias. Apesar do sapo ser o animal que é mais frequentemente morto (Figura 2B), a maioria dos entrevistados não mataria sapos como prioridade (Figura 2C). Porém, aqueles que matariam certamente apresentam algum motivo: medo, nojo ou crenças. O nojo foi o principal motivo para o extermínio desse bicho entre todos apresentados. As crenças populares e o medo ficaram empatados (Figura 2D).

A relação entre os humanos e os anfíbios do grupo Anura, que inclui os sapos, vem de muitas civilizações passadas, como a egípcia, a chinesa e a indiana, em crenças e lendas envolvendo deuses que tinham esses animais como representatividade. No Brasil, os sapos servem como símbolos de amuletos indígenas, os muiraquitãs, que representam sorte e são usados até hoje em rituais. No decorrer dos séculos, os sapos passaram a ser vistos com uma conotação negativa, associados a pragas e no uso em rituais de bruxarias e magia negra. Devido a isso, eles causam medo e repugnância (FABRICIO & COUTINHO, 2017). Os anuros, no geral, são importantes bioindicadores, controlando níveis populacionais de insetos e ainda servindo como fonte nutricional para alguns carnívoros (POUGH *et al.*, 2008). Isso indica que atividades de educação ambiental deveriam ser realizadas para a conscientização em relação a esse grupo (DIAS *et al.*, 2018).

**Tabela 2.** Frequência de menções aos animais nas respostas, de acordo com faixa etária e renda no município de Rondonópolis, MT.

Faixa etária	Aranha	Barata	Cobra	Lagartixa	Morcego	Sapo	Nenhum
17-21				9	1	1	
22-30	1	3		50	3	6	3
31-40				10	1	1	1
41-50				4		1	1
50+			2	7		1	
Renda (R\$)							
Até 998		1		24	2	1	2
1.000-2.000				2			
1.000-2.999	1	2		35	1	5	2
3.000-4.999				7	1	1	1
3.000-5.000				2			
5.000-14.999				8	1	3	
Mais de 15.000			2	2			





**Figura 2.** Resultado dos questionários em relação ao comportamento frente ao encontro dos animais no município de Rondonópolis, MT. **A-** relação de animais encontrados com mais frequência nas residências. **B-** hábito de matar e animais frequentemente mortos. **C-** animais que os entrevistados certamente matariam. **D-** motivação em matar sapos. **E-** motivação em matar cobras-cegas. **F-** motivação em matar morcegos.





## Lagartixas

A lagartixa-doméstica-tropical [*Hemidactylus mabouia* (Moreau de Jonnés, 1818) – Sauria: Gekkonidae] (Figura 3) é um dos bichos mais corriqueiros das respostas, sendo a mais citada em todas as faixas etárias e rendas, mais frequente em residências com a renda entre R\$1.000,00 e R\$ 2.999,00, e na faixa etária entre 22 e 30 anos. Apesar disso, sua taxa de mortalidade é menor se comparada à dos outros animais, demonstrando que as pessoas possuem empatia pelo grupo ou conhecimento de que as lagartixas não fazem qualquer mal, além dos benefícios de sua presença enquanto predadoras de invertebrados, principalmente insetos, como moscas, mosquitos e baratas. O fato de a espécie ser exótica nas Américas e sinantrópica, ou seja, bem adaptada para o convívio em meio urbano, favorece essa alta frequência de encontros. Os répteis sempre estiveram associados a características sobrenaturais, sagradas e mágicas de diferentes povos, em diferentes épocas (ANDREU, 2000). Esses animais convivem simpatricamente com os seres humanos desde épocas remotas, como observado em pinturas rupestres e artefatos arqueológicos (PASSOS *et al.*, 2015), o que levou à adaptação de algumas espécies aos ambientes antrópicos (SILVA & ARAÚJO, 2008). Essa proximidade ao cotidiano humano fez com que algumas espécies de lagartos se tornassem mais populares (PASSOS *et al.*, 2015). Existem lagartos domésticos que são favorecidos pelas atividades humanas (SILVA & ARAÚJO, 2008), sendo comumente encontrados em edificações urbanas.



**Figura 3.** Lagartixa-doméstica-tropical (*Hemidactylus mabouia*), espécie exótica comumente encontrada em residências urbanas. Foto: R. Aranda.

## Gambás

A maioria das pessoas entrevistadas não mataria gambás (n= 98; 92%) e sim ligaria para o corpo de bombeiros. As que matariam, acreditam que eles liberam um odor “malcheiroso” (crença popular). O gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris* Lund, 1840 – Didelphimorfia: Didelphidae) (Figura 4) é a espécie que mais frequenta ambientes urbanos, sendo considerado indesejável para alguns (MOTTA, 2019). Esses animais sofrem com conhecimentos errôneos muito difundidos, como o já citado mito da pulverização de mau cheiro.

Assim, muitos no Brasil acreditam que os gambás, marsupiais da família Didelphidae, têm a mesma habilidade que os cangambás, carnívoros da família Mephitidae, de pulverizar um odor pungente quando atacado ou perturbado. A origem desse equívoco pode estar no fato de que, em português, o



nome genérico para gambás e cangambás é o mesmo (gambá) e o mito de pulverização de mau cheiro foi reforçado no Brasil por desenhos animados (SOUZA *et al.*, 2012). Assim como os morcegos, os gambás são excelentes dispersores de sementes, além de serem controladores de cobras peçonhentas, carrapatos e escorpiões em ambientes urbanos, já que são imunes ao veneno, segundo SOARES *et al.* (1997).



**Figura 4.** Gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*), filhote, espécie comumente encontrada no meio urbano em uma visita noturna. Foto: R. Aranda.

### Morcegos

A maioria dos indivíduos entrevistados não mataria os morcegos ( $n=70$ ; 66%). A maioria dos que matariam o faria por medo do animal. Um total de 13 pessoas afirmou matar por acreditar que os morcegos (todos) são vetores da raiva. De fato, eles podem transmitir o vírus, sendo os vetores mais comuns os morcegos hematófagos, porém a transmissão animal-humano raramente acontece. Além disso, não há dados suficientes sobre quais espécies podem gerar mais preocupações na área de saúde (RANUCCI *et al.*, 2014). Apenas dois indivíduos (Figura 2F) acreditam que todos os morcegos são hematófagos e que se alimentam de sangue humano. Isso se deve ao fato de que a mídia associa esses animais à imagem do mal (demônios e bruxas), sendo, ainda segundo RANUCCI *et al.* (2014), cercados de mitos. De acordo com o senso comum, são sugadores de sangue e atacam suas vítimas no período noturno (ESBÉRARD *et al.*, 2012; RIBEIRO & MAGALHÃES, 2015). Vale ressaltar que não existem motivos naturais para tal crença, já que a maioria dos morcegos não é hematófaga. Apesar de toda associação com coisas negativas, os morcegos desempenham um papel importante no controle de insetos, polinização de plantas e dispersão de sementes, contribuindo na recuperação de florestas degradadas (BRITO *et al.*, 2010).



## Comentários

É observado nas respostas que a maioria dos entrevistados indica a presença de algum dos animais citados no questionário e apenas cinco pessoas não possuem o hábito de se deparar com esses animais em suas respectivas residências. Dos 106 entrevistados, 32 indivíduos apresentam o hábito de sacrificar algum desses animais ao se depararem com ele, o restante (maioria) diz não possuir esse hábito.

A lagartixa foi apontada como o animal mais corriqueiro, porém, é o listado como o menos sacrificado. O sapo foi o segundo apontado como o mais corriqueiro e é o frequentemente mais morto. Como causa dessas mortes está o nojo, o que se dá por esses animais não possuírem uma aparência considerada muito agradável, causando um certo desconforto nas pessoas que se deparam com ele, ignorando a sua importância para o ecossistema.

O medo é o principal motivo para os entrevistados quererem a morte das cobras-cegas, o que pode estar associado ao fato de que eles acreditam que tais répteis são venenosos, confundindo-as com serpentes comuns. Com relação às serpentes, um número bem elevado de entrevistados certamente as matariam, por acreditar que todas as cobras são venenosas. O medo também é o principal motivo para a morte dos morcegos, seguido da crença de que eles são vetores de raiva. Apesar do gambá não aparecer nos gráficos, devido à baixa intenção de morte e à percepção acerca desse bicho ser positiva, grande massa de respondentes, ao invés de matá-los, ligaria para o corpo de bombeiros, o que denota um comportamento recomendado nos casos em que o animal não consiga sair do recinto por conta própria. Dessa forma, tanto animal como seres humanos evitam lesões desnecessárias.

## Considerações finais

Os conflitos entre a fauna urbana e os seres humanos são um desafio complexo que demanda uma abordagem multidisciplinar e integrada. A convivência entre animais selvagens e seres humanos nas áreas urbanas é uma realidade que exige medidas efetivas para minimizar os conflitos e promover a coexistência harmoniosa. Observa-se a necessidade de uma maior conscientização pública sobre a importância da conservação da biodiversidade e da necessidade de respeitar e proteger os animais que compartilham o espaço urbano. A educação ambiental desempenha um papel fundamental nesse processo, fornecendo informações sobre as espécies presentes, seus comportamentos e necessidades, e incentivando práticas sustentáveis de convivência.

O medo foi fator comum para grande parte dos entrevistados apresentar o suposto hábito de matar animais. O medo do desconhecido e a falta de conhecimento fazem com que a sociedade impulsione o extermínio das espécies, criando mitos, crendices e lacunas de conhecimento acerca da biologia desses animais, que, em sua grande maioria, são inofensivos para os seres humanos. Diante disso, nossos resultados demonstram a importância de identificar e caracterizar os conflitos que dificultam a sobrevivência harmoniosa com a biodiversidade, para a tomada de medidas e estratégias que visam sanar esses problemas de interação homem-natureza.

Com base nas informações obtidas, pôde-se compreender a percepção de parte da sociedade rondonopolitana com relação aos animais e o meio em que estão inseridos, fornecendo bases para elaboração de um futuro plano de educação ambiental. O que pode fazer com que a população seja sensibilizada e conheça melhor os problemas relacionados com a conservação da fauna silvestre, levando em consideração o bem-estar dos moradores.

Por fim, é importante ressaltar que a resolução dos conflitos entre a fauna urbana e os seres humanos não se trata apenas de mitigar danos e evitar prejuízos. Trata-se de reconhecer o valor intrínseco da biodiversidade e a importância de coexistir de modo sustentável com outras formas de



vida. A harmonia entre a fauna urbana e os seres humanos é um desafio em constante evolução. Mas, com o comprometimento de todos os envolvidos, podemos construir um futuro em que a diversidade biológica e o bem-estar humano se complementem e prosperem nas cidades.

## Referências

- ADAMS, L.W. 2005. Urban wildlife ecology and conservation: a brief history of the discipline. **Urban Ecosystems** 8: 139-156.
- ANDREU, G.C. 2000. Mitos, leyendas y realidades de los reptiles en México. **CIENCIA ergo-sum - Revista Científica Multidisciplinaria de Prospectiva** 7(3): 286-291.
- BAKER, P.J. & HARRIS, S. 2007. Urban mammals: What does the future hold? An analysis of the factors affecting patterns of use of residential gardens in Great Britain. **Mammal Review** 37(4): 297-315.
- BATEMAN, P.W. & FLEMING, P.A. 2012. Big city life: carnivores in urban environments. **Journal of Zoology** 287(1): 1-23.
- BARBOSA, R.V.D.S. 2020. **A relação entre o homem e o animal silvestre: uma percepção dos moradores do assentamento do Arapuã, nordeste paraense**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Capitão Poço.
- BRITO, J.E.C.; GAZARINI, J. & ZAWADZKI, C.H. 2010. Abundância e frugivoria da quiropterofauna (Mammalia, Chiroptera) de um fragmento no noroeste do Estado do Paraná, Brasil. **Acta Scientiarum - Biological Sciences** 32(3): 265-271.
- BROOKS, T.M.; MITTERMEIER, R.A.; MITTERMEIER, C.G. *et al.* 2002. Habitat loss and extinction in the hotspots of biodiversity. **Conservation Biology** 16(4): 909-923.
- CORRÊA, S.H.R. & PASSOS, E.D.C. 2001. Wild animals and public health. In: FOWLER, M.E. (ed.). **Biology, medicine, and surgery of South American wild animals**. Wiley, p. 493-499.
- DIAS, M.A.S.; LIMA, N.B. & FIGUEIREDO-DE-ANDRADE, C.A. 2018. Análise do conhecimento etno-herpetológico dos estudantes no município de Salinas, Minas Gerais, Brasil. **Acta Biomedica Brasiliensia** 9(1): 36-47.
- DEL RIO, V. 1996. Cidade da mente, cidade real: percepção ambiental e revitalização na área portuária do RJ. In: DEL RIO, V. & OLIVEIRA, L. (ed.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. Studio Nobel, p. 3-22.
- ESBÉRARD, C.E.L.; CHAGAS, A.S.; LUZ, E.M. & CARNEIRO, R.A. 2012. Pesquisa com público sobre morcegos. **Chiroptera Neotropical** 2(1): 44-45.
- FABRÍCIO, R.M. & COUTINHO, C. 2017. Questionário investigativo sobre o imaginário popular da anurofauna: Um modelo de coleta de dados. **Anais do Seminário Internacional de Educação** 2(1): 1-5.
- FARACO, C.B. 2008. Interação humano-animal. **Ciência Veterinária nos Trópicos** 11(1): 31-35.
- FERNANDES-FERREIRA, H.; CRUZ, R.L.; BORGES-NOJOSA, D.M. & ALVES, R.R.N. 2011. Crenças associadas a serpentes no estado do Ceará, Nordeste do Brasil. **Sitientibus - Série Ciências Biológicas** 11(2): 153-163.
- FEITOSA, R.A. & ABÍLIO, F.J.P. 2012. Dizendo cobras e lagartos: uma experiência de Educação Ambiental com futuros professores de Biologia. **Experiências em Ensino de Ciências** 7(3): 1-13.
- FRAGA, R.D.; LIMA, A.P.; PRUDENTE, A.L.D.C. & MAGNUSSON, W.E. 2013. **Guia de cobras da região de Manaus - Amazônia Central**. INPA.



- LEMA, T. 2002. **Os répteis do Rio Grande do Sul: atuais e fósseis, biogeografia, ofidismo**. EdIPUCRS.
- LIMA, D. & POZZOBON, J. 2005. Amazônia socioambiental: sustentabilidade ecológica e diversidade social. **Estudos Avançados 19**: 45-76.
- MAILHO-FONTANA, P.L.; ANTONIAZZI, M.M.; ALEXANDRE, C. *et al.* 2020. Morphological evidence for an oral venom system in caecilian amphibians. **iScience 23**(7): 1-7.
- MATEUS, M.B.; PINTO, L.C.L.; DE MOURA, M.R. & PIRES, M.R.S. 2011. A cobra-de-duas-cabeças na percepção dos moradores do povoado de Itatiaia, Minas Gerais. **Biotemas 24**(3): 111-117.
- MENEGALDO, L.R. 2011. **Interações socioculturais da comunidade Tapiíra com a fauna silvestre: relações de gênero e geração**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas.
- MOTTA, M.C.H. 2019. **Percepção dos estudantes da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) sobre os gambás-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade Federal da Integração Latino-Americana.
- NAVEGA-GONÇALVES, M.E.C. 2004. Anfisbênia: quem são essas desconhecidas. **Ciência Hoje 34**(204): 66-68.
- OLIVEIRA, K.A. & CORONA, H.M.P. 2011. A percepção ambiental como ferramenta de propostas educativas e de políticas ambientais. **Revista Científica ANAP Brasil 1**(1): 53-72.
- PASSOS, D.C.; MACHADO, L.F.; LOPES, A.F. & BESERRA, B.D.L.R. 2015. Calangos e lagartixas: concepções sobre lagartos entre estudantes do Ensino Médio em Fortaleza, Ceará, Brasil. **Ciência & Educação 21**: 133-148.
- PIEPADE, H. 2013. **Caderno de Educação Ambiental: Fauna Urbana 17**. Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo.
- POUGH, F.H.; JANIS, C.M., & HEISER, J.B. 2008. **A vida dos vertebrados**. 4ª edição. Atheneu.
- RANUCCI, L.; JANKE, L.; AGUIAR, É.S. *et al.* 2014. Concepção de estudantes sobre a importância dos morcegos no ambiente. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas 15**(1): 5-10.
- RIBEIRO, N.C.G. & MAGALHÃES C.A.D.O. 2015. Crianças e adultos no museu: suas concepções sobre morcegos. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas 16**(4): 263-268.
- ROSA, M. & OREY, D.C. 2014. Aproximando diferentes campos do conhecimento em educação: a etnomatemática, a etnobiologia e a etnoecologia. **Vidya 34**(1): 1-14.
- SILVA, V.D.N. & ARAÚJO, A.F.B. 2008. **Ecologia dos lagartos brasileiros**. Technical Books.
- SOARES, A.M.; RODRIGUES, V.M.; BORGES, M.H. *et al.* 1997. Inhibition of proteases, myotoxins and phospholipases A2 from *Bothrops* venoms by the heteromeric protein complex of *Didelphis albiventris* opossum serum. **IUBMB Life 43**(5): 1091-1099.
- SOUZA, C.S.A.; TEIXEIRA, C.P. & YOUNG, R.J. 2012. The welfare of an unwanted guest in an urban environment: the case of the white-eared opossum (*Didelphis albiventris*). **Animal Welfare 21**(2): 177-183.



Publicado em 21-08-2023



# APRECIE AS ÁRVORES E TUDO QUE HÁ NELAS



Foto: Elidiomar Ribeiro da Silva - @labeuc.elidiomar